



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO/PGFILE**

SIMONE GOMES GONÇALVES

JEAN-JACQUES ROUSSEAU E A EDUCAÇÃO NOS DIAS ATUAIS

**Campina Grande,
2018**

SIMONE GOMES GONÇALVES

JEAN-JACQUES ROUSSEAU E A EDUCAÇÃO NOS DIAS ATUAIS

Monografia de Conclusão de Curso de Especialização apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia. Área de concentração: Filosofia da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Valmir Pereira.

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G635j Gonçalves, Simone Gomes
Jean-Jacques Rousseau e a Educação nos dias Atuais
[manuscrito] : / Simone Gomes Gonçalves. - 2018
40 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Filosofia da Educação) -
Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-
Graduação e Pesquisa, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Valmir Pereira, Coordenação do
Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Teoria da educação. 2. Filosofia da educação. 3.
Modelo educacional.

21. ed. CDD 370.1

SIMONE GOMES GONÇALVES

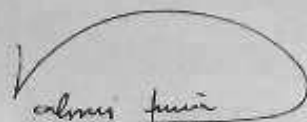
JEAN JAQUES ROUSSEAU E A EDUCAÇÃO NOS DIAS ATUAIS

Monografia de Conclusão de Curso de Especialização apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia. Área de concentração: Filosofia da Educação.

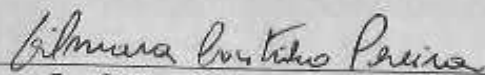
Orientador: Prof. Dr. Valmir Pereira.

Aprovada em: 23/04/2018.

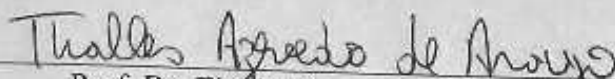
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Valmir Pereira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ma. Gilmara Coutinho Pereira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Thalles Azevedo de Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Durante a graduação planejei várias coisas até seu término, e já no último ano de curso perseverei a entrada no mestrado e não deu certo, novamente tentei e por um ‘tris’, ou melhor por um décimo não entrei novamente no mestrado.

E continuei a planejar e me preparar para mais uma tentativa, então veio a possibilidade da especialização em Filosofia, não pensei duas vezes e tentei, deu certo. Fui selecionada! Só tenho a agradecer a DEUS, sim a ele. Contudo, o que não esperava é que não seria fácil, no início foi, depois pesou um pouco.

Mas só tenho a agradecer mesmo sem esperar e vindo de surpresa minha filha linda e amada Yasmin veio para me tirar o sono e aumentar meu sentido de viver, e em meio a noites sem dormir e adaptações a uma vida nova, finalizei a especialização. Não foi tão fácil, mas agradeço a Yasmin, por me apresentar um sentido novo para vida. Você me motivou e eu a amo.

Agradeço a meu esposo Renato que todo sábado com grande carinho me ajudava, antes me levando a universidade e depois ficando com o nosso fruto a me esperar em casa, admiro muito o homem que és. Te amo.

Agradeço a toda minha família, em especial minha mãe que carinhosamente preparava um almoço delicioso aos sábados à minha espera.

Por fim agradeço a todos os professores que passaram seus ensinamentos durante a especialização, Arlindo, Thiago, Gilmara, Júlio, Newton, Ramon, Thales, Antônio Carlos... foi maravilhoso. Em especial ao Professor e orientador Valmir Pereira, que de modo bastante descontraído faz nas suas aulas a hora voar, literalmente e por toda força dada. Sem esquecer da turma maravilhosa e alegre que estive nessa especialização. Foi uma vivência grandiosa.

Agradeço imensamente!

Que Deus abençoe a todos!

RESUMO

O presente estudo caminha sobre o surgimento do ato de educar, realizando uma breve análise ao conceito de educação presente em Rousseau, tendo como ponte sua obra *Emílio ou da educação*, para assim chegar a uma aproximação entre o conceito de educação defendido por Rousseau e a educação atual. O texto analisa ainda o papel da escola na vida do sujeito, e como ela pode modificar o que é considerado natural no homem segundo Rousseau. O papel da educação está voltado também para a economia, o que nos leva a compreender que o modelo educacional atual, faz prevalecer que formar o sujeito para mão de obra qualificada é mais eficaz para a economia do país. Assim podemos observar no decorrer do texto que a educação modifica o sujeito, e que a educação natural defendida por Rousseau, em pleno século XXI não é mais vista, o que prevalece é a educação onde a economia circule.

Palavra-chave: Educação, Rousseau, escola e atualidade

ABSTRACT

The present study focuses on the emergence of the act of educating, carrying out a brief analysis of the concept of education present in Rousseau, having as a bridge its work *Emilio* or education, in order to arrive at an approximation between the concept of education defended by Rousseau and current education. The text also analyzes the role of the school in the life of the subject, and how it can modify what is considered natural in the man according to Rousseau. The role of education is also directed towards the economy, which leads us to understand that the current educational model makes it prevail that training the subject for skilled labor is more effective for the country's economy. Thus we can observe in the course of the text that education modifies the subject, and that the natural education defended by Rousseau, in the XXI century is no longer seen, what prevails is education where the economy circulates

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. O QUE SE ENTENDE POR EDUCAÇÃO.....	10
2. ROUSSEAU, VIDA E OBRA.....	14
3. KANT, BOURDIEU e ROUSSEAU E A EDUCAÇÃO.....	22
4. PARA QUE SERVEM AS ESCOLAS.....	25
5. A EDUCAÇÃO ATUAL.....	30
CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS.....	38

INTRODUÇÃO

Analisar como a sociedade se comporta diante de várias situações é fascinante, e até mesmo surpreendente, pois, cada sujeito com seu comportamento revela quão diferentes ou iguais somos diante de atitudes corriqueiras. Analisar o homem é saber que nunca chegaremos a uma conclusão definitiva, porque estamos em constante movimento e transformação. Desse modo, sempre haverá algo novo para ser observado, e é por isso que o ser humano é o maior objeto de estudo.

Durante séculos, muitas coisas eram obscuras diante da formação humana, de seus limites e possibilidades, do que era viável ou não se fazer. Entretanto, por ser dotado de inteligência, se desenvolveu, principalmente diante da própria natureza, e ela, que era ‘dominadora’ passou a ser ‘dominada’. Assim, o homem percebeu que podia muito mais, e foi nesse momento que a nossa espécie se desenvolve dando lugar ao início de uma cultura e juntamente com ela o início a uma educação.

Nesse preciso sentido chegamos ao ponto crucial para esta monografia, que é apontar as contribuições da educação a partir de Rousseau para o desenvolvimento humano.

Se pararmos para refletir, seria bem provável pensarmos que vivêssemos de forma desordenada, e não teríamos definições, e assim, a educação, difusora da cultura, passa a ser instrumento para formação de uma sociedade, cada qual com suas regras e tradições. Desse modo, o fato de poder analisar o indivíduo no decorrer da história, através da sua formação inicial, me fez enveredar sobre os rumos da educação, levando em conta qual o seu papel na formação do sujeito, portanto, esta monografia tem como intuito trazer à tona o conceito de educação e fazer uma breve reflexão sobre como se iniciou o ato de educar, enveredando pelos pensamentos de Rousseau (1712-1778), para assim refletir sobre quais ideias apresentadas por ele permanecem presentes até hoje na nossa educação.

Rousseau foi um revolucionário na maneira de educar, trazendo grandes contribuições para a educação, com obras que na época causaram grande impacto na sociedade. O que aconteceu com o homem, não se sabe, mas conhecendo um pouco da história humana e do indivíduo que carrega dentro de si o bem e o mal, segundo Platão (428-348 acc.), podemos chegar a uma conclusão, pois o homem viu que podia dominar outros da sua espécie, e assim o fez, e então a humanidade passou a ter um líder que colocou diante da sua sociedade, o seus questionamentos, no maior caso, a religião que

durante séculos dominou e ainda domina o indivíduo, depositando diante da sociedade suas rédeas e convicções.

Na época das luzes, mesma época de Rousseau, o homem percebeu que seu pensamento era *a priori* de qualquer outro, e então conhecimentos antes freados pelas rédeas da igreja, passou a ganhar espaço e o indivíduo foi tomando autonomia dos seus pensamentos, dando assim início a um novo modelo de educação por meio da autonomia de pensamento.

Em se tratando da educação e de Rousseau, o artigo é dividido em seis partes, que inicialmente fará abordagem aos conceitos formados sobre educação e o que se entende por ela, levando em conta o indivíduo na sua descoberta com a educação, tanto na construção do sujeito em sociedade, quanto no âmbito escolar e individual, chegando a analisar como se deu o ato de educar.

Logo em seguida fará uma breve caminhada sobre a vida e obra de Rousseau, dando ênfase ao que ele diz sobre educação, analisando em especial a sua obra *Emílio ou da Educação*, entre outras, para assim poder relacionar com o que se entende por educação, seja ela familiar ou através de um preceptor. Depois o artigo envereda pelo papel da escola, e para que serve, tentando analisar diante dos conceitos atuais, para que servem as escolas e se é possível ver quem defenda a desescolarização, ou seja, quem defenda que não precisa ir para escola para aprender. Sabe-se que o papel da escola mudou muito durante o seu curso, mas um fim ainda não mudou, que é o de formar indivíduos para mão de obra qualificada.

Rousseau, que foi tão importante no século da razão, principalmente quando se fala de educação, não estava só. Alguns pensadores, assim como ele, defenderam outros conceitos de educação, partindo da liberdade do indivíduo. Com isso, a monografia analisará brevemente sobre o pensamento de dois filósofos, um mais perto de Rousseau e outro já distante. Kant (1724-1804), com seu conceito da saída da minoridade para a maioridade e Bourdieu (1930-2002) com a herança familiar. Estes pensadores filósofos, não foram escolhidos por acaso, pois seus conceitos se aproximam do pensamento de Rousseau, sinalizando que a educação para ambos parte de certo modo da liberdade do sujeito. Por fim, o presente texto caminhará sobre a pedagogia atual e a pedagogia rousseauiana, analisando o que permanece presente até hoje dos conceitos de Rousseau sobre educação. Ele que defendia uma educação embasada na natureza, onde o professor

não seria o protagonista da história, mas sim o aluno. Ele firmou por assim dizer, os séculos das luzes, quando determinou que o homem é dono do seu conhecimento.

1. O QUE SE ENTENDE POR EDUCAÇÃO?

Antes de caminhar sobre Rousseau, Kant e Bourdieu e a educação, falaremos sobre o conceito de educação. A palavra educação vem do latim *Educare* que significa fora ou exterior e *Ducare*, que tem o significado de guiar, instruir, desde os primórdios que a educação ganhou seu espaço e tornou-se o acesso principal para o crescimento do sujeito seja individual ou em sociedade. Assim como os animais, o nosso primeiro ensinamento se dá pela convivência com a mãe, e o ato de ensinar e aprender já está inserido no sujeito e, é fundamental para formação.

Contudo para compreender melhor o conceito de educação, nada melhor que começar a observar a evolução humana. O homem como ser racional, se desenvolveu com o passar dos anos, provando para sua espécie que é um animal com maior inteligência. Aprendemos desde cedo que diferentemente dos outros animais o homem possui mais inteligência e habilidades para se desenvolver em grupo e realizar ações que estejam de acordo com suas necessidades. Segundo Rodrigues:

Ele planta, colhe, caça, pesca, enfim, vive através de seu trabalho. Na medida que o ser humano se reproduz, através das relações sexuais, entre homem e mulher, esse processo se expande pelo aumento natural da população[...] em vez de cortar ou quebrar com as próprias mãos, inventou machadinha de pedra...domesticou animais para fazer o trabalho pesado[...] com seu gênio, com a capacidade de raciocinar que falta aos outros animais, o homem foi cada vez mais sendo capaz de aumentar e melhorar os resultados obtidos pelo trabalho que realizava com o suor do seu rosto. (RODRIGUES, p.38, 2001)

Desse modo, podemos observar que o homem com a sua inteligência percebeu seu domínio sobre a natureza e que dela tiraria o suporte para sua vida, porém o homem tira dela o que necessita e como vimos, hoje em dia, o que não necessita também, e todas as ações realizadas eram passadas para os demais membros do grupo, é onde percebe-se o início da educação. Com a luta pela sobrevivência, o homem também percebeu a necessidade do trabalho, e então trabalho e educação tornam-se peças importantes para formação dos grupos.

Assim, o conviver em sociedade faz parte da formação do homem e o trabalho fortifica essa relação “ao mesmo tempo que o trabalho é o intermediário da relação do homem com a natureza, ele é, também o intermediário da relação dos homens uns com os outros” (RODRIGUES, p.39, 2001). O conviver em sociedade é adquirir heranças de conhecimentos, é seguir uma mesma regra que vem juntamente com este conviver. Para a sociologia, somos ensinados a ser membros da sociedade que vivemos (RODRIGUES, 2001) os valores são passados de geração a geração, pois o que apreendemos é ensinado pela vida e a educação é algo imposto pela sociedade.

Segundo essa existência social, essa vida coletiva, é obra não apenas dos indivíduos que cooperam entre si num dado momento da vida da sociedade, mas também das gerações passadas, que ajudaram a criar as crenças, os valores e as regras que ainda hoje estão presentes e que nos obrigam de certo modo a nos comportarmos de acordo com “vontade da sociedade”. (RODRIGUES, p.26, 2001)

O ato de educar vem desde a Grécia antiga, onde os filósofos viam na educação a possibilidade da construção de um sujeito que agisse de acordo com que eles acreditavam ser o melhor para a cidade e para o indivíduo, acreditavam que o ato de pensar possibilitava maior crescimento, tanto para o desenvolvimento de uma cidade quanto o desenvolvimento na vivência do sujeito em sociedade

Platão já defendia que a educação é o alicerce de uma cidade, onde os cidadãos seriam educados de acordo com seu “dom” natural, tendo na música e na ginástica seus pilares, pois uma trabalha o corpo e o outro a alma. Os homens na Grécia, mais precisamente na paídeia homérica, eram educados para lutar, e obtinham uma educação heroica, o que se pode observar é que a educação já era voltada para o bem da cidade.

O espírito de luta é aqui o critério educativo fundamental que abrange tanto o aspecto físico-esportivo quanto o cortês-oratório-musical, solicitando exercícios com lira, dança canto e remetendo o jovem também a práticas religiosas como a leitura dos signos, os ritos do sacrifício, o culto dos deuses e dos heróis. (CAMBI, p.77, 1999)

Para Platão, existia o modo ideal para o conhecimento da educação, e ele demonstra isso na sua *Alegoria da caverna*, o que nos leva a refletir sobre o significado da palavra *Educação* visto acima. É necessário que o sujeito busque a luz, ou seja, que ele seja guiado para fora. A filosofia por sua vez acarreta esse encontro com a ‘luz’ por

assim dizer, o que segundo Piccolo, Trevisan e Conte p.93, 2004 definem sobre a filosofia no decorrer dos anos.

Pode-se dizer que a filosofia da educação surgiu do forte vínculo entre a filosofia e a pedagogia estabelecido no decorrer dos anos, pois a filosofia, preocupada com as formas do conhecimento perfeito, orientou o homem segundo a razão, inferindo um pensamento pedagógico que busca a perfeição. (PICCOLO, TREVISAN, CONTE, p.93, 2004)

Grécia, Esparta e Atenas eram modelos políticos e tinham ideais opostos, ambas apontaram dois modelos de educação que perpetuou por séculos a discursão pedagógica.

Como aponta Cambi

“Esparta e Atenas deram vida a dois ideais de educação, um baseado no conformismo e no estatismo, outro na concepção de *paidéia*, de formação humana livre e nutrida de experiências diversas, sociais mas também culturais e antropológicas” (CAMBI, p.82, 1999).

Com o nascimento da *Paidéia*, nasce uma cultura diferente e um novo modelo de educação, não só apenas direcionado a formação heróica “[...] da educação para pedagogia, de uma dimensão pragmática da educação para uma dimensão teórica, que se delineia segundo as características universais e necessárias da filosofia” (CAMBI, p.87, 1999). É o momento em que os Sofistas ganham espaço e os homens passam a se questionar e dar ênfase aos seus questionamentos, pois os sofistas deram uma virada no cotidiano educacional grego, por assim dizer.

“Nasce assim uma cultura diferente” em relação ao passado. Feita “de conhecimento e de capacidades distintas da sapiência do sacerdote, da produção teórica do cientista, das habilidades do técnico especialista” e “entendida como a formação moral, retórico-linguística, histórica do homem político enquanto tal”. (CAMBI, p.86, 1999)

Os sofistas trouxeram uma nova maneira de pensar, transformando a forma educacional, levando o sujeito a atingir a virtude famosa do “conhece-te a ti mesmo”. Com a *paidéia* nasce um novo modelo da pedagogia da educação, com uma educação autônoma e voltada ao individual, pela liberdade de pensar do que uma educação voltada para o todo.

Deixando um pouco de lado a Grécia, retomemos ao papel da educação e o que se entende por ela. O ato de educar é algo que já vem presente na humanidade, seja para ensinar o indivíduo a se adaptar ao meio em que está vivendo, ou seja, para dar ao

indivíduo a educação que provém das tradições que o fará conviver em sociedade, como já foi visto acima. O fato é que a educação faz parte da construção do sujeito, e vários filósofos se detiveram a analisar o papel da educação na vida desse sujeito. Não podemos esquecer da educação familiar que é a primeira educação que recebemos. Como afirma Cambi (1999, p.80), “a família é o primeiro regulador da identidade física, psicológica e cultural do indivíduo”, pois é dela que provém a maior parte da nossa formação.

O sujeito sempre foi e sempre será um objeto de estudo, seja pelo modo como o vive a vida, seja para cura de doenças ou pelas finitudes que um bom pesquisador terá para observar o comportamento do homem. Um dos objetos de pesquisas mais frequentes entre os pensadores é a educação, e qual o seu papel na vida do sujeito, pois ela é capaz de modificá-lo. Como observamos, a educação primeiramente é iniciada na família e depois em sociedade. A educação escolar é pautada de acordo com um bem ‘comum’ chamado governo, ou seja, a educação escolar foi criada para moldar o indivíduo ao querer do Estado. Se analisarmos a história da humanidade, observaremos que o fato de pensar não é proveitoso para uma cidade, isto diante dos olhos dos governantes, a população em massa cresce e seu fruto estará na mão de obra qualificada para produzir o ‘bem’ econômico à cidade. O que faz uma cidade crescer é a força da sua mão de obra, por isso que vemos tantas escolas técnicas, produzir é mais eficiente que o ato de pensar, contudo alguns governantes não tendem a enxergar que uma sociedade produz melhor do que uma sociedade onde a educação não prevalece.

Para Rodrigues (2001, p.35), apoiado no pensamento de Durkheim “cada geração transmite à seguinte, através da educação, os elementos fundamentais para manutenção da estabilidade das coletividades humanas”. Ou seja, com o passar do tempo a educação vai se modificando, e se adaptando ao que a sociedade vem pedindo, seja silenciosamente ou abertamente. Como por exemplo, a discriminação social, a cada ano vem diminuindo e tudo isto pela educação.

Todavia foi no século XVIII que a educação se modificou, e a razão neste período predominava, era o chamado século das luzes onde vários pensadores passaram a analisar o sujeito em si, e na sua grandiosidade, deixando assim, as divindades de lado. E é justamente neste período que a educação passa a ser analisada de forma diferenciada, principalmente a visão diante da política.

Assim chegamos ao questionamento, o que seria da humanidade se não fosse a educação? Possivelmente seríamos uma sociedade desordenada, e serviria a lei da selva,

“que vença o melhor”. O ser humano precisa ser educado, para assim conseguir conviver em meio à sociedade e agir de forma ética. Também foi diante da educação que o homem conseguiu suas realizações diante da história. O erro da humanidade pode ser firmado apenas na definição de poder, como Rousseau afirma na obra *Contrato Social*, a busca pelo poder faz o homem priorizar apenas a si mesmo, deixando de lado a própria sociedade.

2. ROUSSEAU, VIDA E OBRA

Antes de enveredar pelos caminhos da educação, falaremos de Rousseau que é a base para este trabalho. Ele foi um dos pensadores que no século XVIII, e mesmo sem ser propriamente um educador, se deteve a analisar o ensino e sua importância na formação do sujeito, observando que a educação era uma grande aliada ao combate das tradições advindas da religião.

Rousseau nasceu em Genebra no ano de 1712 e morreu em 1778, não conheceu a mãe, separou-se do seu pai aos dez anos, veio de uma família pobre e teve que trabalhar desde cedo, porém, aprendeu a ler e a escrever também muito cedo. Seguiu uma rígida disciplina religiosa, talvez por isso tentou retirar as ‘rédeas’ que a igreja opunha sobre os homens, e nunca ingressou em uma universidade. Entre 1735 a 1739 tornou-se conhecido e começou uma nova etapa de vida intelectual, escrevendo comédias e peças musicais, sendo considerado um dos maiores escritores e filósofos do seu tempo. Sobre assuntos amorosos, ele teve uma relação conturbada com uma plebeia, a *Teressa Levasseur*, com quem teve 5 filhos, dos quais foram todos enviados para orfanatos, provando que Rousseau não colocava em prática seu ensinamento.

Durante sua vida escreveu várias obras, as principais, foram *O discurso sobre a desigualdade entre os homens*, que trata de uma obra de 1753 que aborda a origem dessa desigualdade entre os homens. *O contrato social*, afirmando que a vida social é uma espécie de contrato, onde a sociedade condiciona sua liberdade para um bem geral, obra que também está condicionada a demonstração de uma educação social e política, e *o Emilio ou da educação*, esta última marcou profundamente a sua época, e trouxe grande sucesso revolucionando a pedagogia e servindo de ponto de partida para as teorias de

todos os grandes educadores dos séculos XIX e XX. Trata-se de um romance filosófico onde o homem é visto como bom por natureza, mas que a sociedade o corrompe.

Rousseau defendia a ideia de que a soberania popular com suas vontades, deveria sobrepor à vontade individual. Sua defesa estava no bem maior e o homem deveria agir segundo o bem comum. No *Emílio* ele afirma que a sociedade corrompe o sujeito, porém depois de receber a educação ‘correta’ o homem não será corrompido e assim na política já exposta no *Contrato social*, o homem que é bom por natureza, pensará no bem comum. Esse bem também se encontra ligado à ordem, que indica a passagem certa das coisas, pois “a humanidade tem seu lugar na ordem das coisas, e a infância tem o seu na ordem da vida humana: é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança” (ROUSSEAU, p.69, 1999). Logo nas primeiras páginas do *contrato social* ele diz: “Mas a ordem social é um direito sagrado que serve de alicerce a todos os outros. Este direito não vem da natureza, está fundamentado sobre convenções” (ROUSSEAU, p.10, 1762) Sobretudo por sociedade Rousseau também aponta que ‘a sociedade mais antiga é a família. As crianças apenas permanecem ligadas aos pais o tempo necessário” (ROUSSEAU, p.11,1762) Isto é, os primeiros educadores estão na família, e ela não pode corromper o sujeito, mas já fazendo uma ponte com o pensamento de Bourdieu, que será explanado mas abaixo, a família já põe diante do sujeito suas crenças, e elas firmam a sua construção. Assim,

Na ordem natural, sendo os homens todos iguais, sua vocação comum é a condição de homens, e quem quer que seja bem educado para tal condição não pode preencher mal as outras relacionadas com ela. Pouco me importa se destinem meu aluno a espada, a igreja ou a barra. Antes da vocação dos pais, a natureza o chama para a vida humana. Viver é o quero ensinar-lhe. Ao sair das minhas mãos, concordo que não será nem magistrado, nem soldado, nem padre; será homem, em primeiro lugar; tudo o que um homem deve ser, se preciso, tão bem quanto qualquer outro; e, ainda que a fortuna o faça mudar de lugar, ele sempre estará no seu (ROUSSEAU, 1999, p.14)

Em se tratando da infância, abordada logo abaixo, na breve apresentação do *Emílio*, onde na fase bebê, o sujeito já começa a ser educado, Rousseau defende a ideia de que na infância, tudo que é perceptível é de modo próprio, portanto o educador neste momento deve agir de forma bastante natural, para que assim não interrompa, ou até mesmo não corrompa o aprendizado natural da criança.

Foi em 1762, que Jean-Jacques Rousseau publicou *Emilio ou Da Educação*, uma obra que é dividida em cinco capítulos, trazendo a forma como uma criança deve ser educada. A educação é apresentada por períodos, de 0 à 5, 5 à 12, 12 à 15 e de 15 aos 20 anos. Os homens aqui não eram educados para lutar, mas sim para saber conviver em sociedade, sem se corromper. Vale salientar que mesmo *O Emilio* sendo uma obra de grande repercussão na época, os estudos com base em crianças já eram o ponto de interesse de vários pensadores, como diz Soëtard, também sobre a educação: “Na época em que Rousseau escreveu *Emilio*, a literatura sobre educação já era abundante” (Soëtard, p.12, 2010)

Segundo Aranha “no livro *Emilio*, Rousseau propõe uma pedagogia baseada no retorno à natureza, à espontaneidade do sentimento, a fim de evitar os preconceitos que corrompem a vida moral” (ARANHA, 1996, p.120). Esta obra pode ser considerada uma resposta ao que foi posto no *Contrato social* que também fala da educação. Mas o que Rousseau pretende, não é educar o homem para uma sociedade particular, mas sim para si, A tarefa educativa do Emílio consiste em um projeto político em três níveis: Preparar o homem para si mesmo; para o convívio com seus semelhantes e para o desempenho da cidadania. Aqui podemos direcionar o seu ensinamento para o famoso aforismo “conhece-te a ti mesmo” do Templo de Apolo. Por isso ele diz que:

Nosso verdadeiro estudo é o da condição humana. Aquele de nós que melhor souber suportar os bens e os males desta vida é, para mim, o mais bem educado; donde se segue que a verdadeira educação consiste menos em preceitos do que em exercícios. Começamos a nos instruir quando começamos a viver, nossa educação começa junto conosco; nosso primeiro preceptor é nossa ama-de-leite. (ROUSSEAU, p.14, 1999)

Vale salientar que as mães neste período não amamentavam seus filhos, pois cada uma tinha sua ama-de-leite. O livro I, da obra *Emilio*, é direcionado a fase dos bebês onde as mães são responsáveis por essa primeira educação, visto que elas precisam ser instruídas à maneira correta de educar, para assim não correr o risco de mal educá-los. É importante ressaltar que para Rousseau:

É impossível uma criança que passe sucessivamente por tantas mãos diferentes ser bem-educada. A cada mudança ela faz secretas comparações que sempre tendem a diminuir sua estima para com aqueles que a educam, e conseqüentemente, a autoridade deles sobre ela. (ROUSSEAU, p.38,1999)

O livro II trata da chamada idade da natureza onde a sensibilidade, a moral, a educação e a parte intelectual do corpo são trabalhados. Neste livro ele vai tratar da questão do sofrimento e da felicidade, é nesta fase que o indivíduo toma consciência de si mesmo. Sobre o sofrimento ele afirma que “sofrer é a primeira coisa que ele deverá apreender, e que ele terá maior necessidade de saber” (ROUSSEAU, p.66, 1999). Para a educação do Emílio é necessária uma vida sem muita mordomia, sobre a felicidade ele afirma que “a felicidade do homem aqui na terra é apenas, portanto, uma condição negativa; devemos medi-la pela menor quantidade de males que se sofrem.” (ROUSSEAU, p.70, 1999)

O livro III aborda a idade da força, ou seja, é trabalhada a educação intelectual ligada a necessidade, utilidade e ainda a educação manual e social, onde Emílio é direcionado a uma profissão, e seu conhecimento é autônomo. Neste livro será posto que o Emílio não deve ser apresentado a política diretamente, pois ela deve vir aos poucos na sua formação. Sobre a sociedade são apresentadas as questões do comércio, embora não haja igualdade na sociedade, ela tem que existir, e essa é uma das defesas de Rousseau, a igualdade é necessária entre os homens.

“Nenhuma sociedade deve existir sem troca, nenhuma troca sem medida comum, e nenhuma medida comum sem igualdade. Assim, toda sociedade tem por primeira lei alguma igualdade convencional, quer entre os homens, quer entre as coisas.” (ROUSSEAU, p.240, 1999)

No livro IV aparece a chamada idade da razão e das paixões, a fase mais difícil do Emílio, onde ele tem que pôr em prática todo seu ensinamento para não se corromper diante das paixões. A educação sexual é passada e ele aprende a se conter, a educação religiosa é direta e Emílio aprende a ser tolerante diante das rédeas da igreja. O amor de si é posto em prática nesta fase, e todo seu conhecimento tem que sempre estar voltado para esse amor. O primeiro sentimento de uma criança deve ser amar a si mesma, deve ser por isso que nossa sociedade atual encontra vários problemas, pois deixamos de nos amar primeiramente.

O amor de si é sempre bom e sempre conforme à ordem. Estando cada qual encarregado de sua própria conservação, o primeiro e mais importante de seus cuidados é e deve ser zelar por ela continuamente; e como zelariamos dessa maneira se não tivéssemos por ela o maior interesse? (ROUSSEAU, p.274, 1999)

No mais, no livro V, a idade da sabedoria e do casamento, em que Sofia, o modelo de mulher ideal para o Emílio é apresentado, e ele tende a escolher uma esposa. Apreende a importância das viagens, no âmbito político e por fim vem a resposta de Emílio ao preceptor. “Sofia deve ser mulher como Emílio é homem, isto é, deve ter tudo o que convém à constituição de sua espécie e de seu sexo para ocupar o seu lugar na ordem física e moral” (ROUSSEAU, p. 491, 1999).

Porém, vale salientar que já em Emílio a educação era tida somente para os homens, enquanto as mulheres continuavam a serem educadas e preparadas para servir e viver diante de um homem. Assim, observa-se que Rousseau se contradiz, primeiramente com o fato de escrever sobre educação e colocar seus filhos em orfanato, depois pregar a igualdade, mas não para mulheres.

Assim toda educação deve ser relativa aos homens. Agradar-lhes, ser-lhes útil, fazer-se amar e honrar por eles, educa-los, quando jovens, cuidar deles quando grandes, aconselhá-los, tornar suas vidas agradáveis e doces: eis os deveres da mulher em todos os tempos e o que lhes deve ser ensinado desde a infância. (ROUSSEAU, p.502, 1999)

Para ele o importante seria que o indivíduo aprendesse a conviver em sociedade e que fosse instruído na prática da igualdade, mas na realidade como a própria sociedade corrompe o sujeito, o que acontece é a proliferação da falta de igualdade. Sendo assim, suas obras são voltadas para a formação de uma nova consciência.

Rousseau diz que “Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos carentes de tudo, precisamos de assistência; nascemos estúpidos precisamos de juízo” (ROUSSEAU, p.8, 1999). Ou seja, temos imensa necessidade do outro, que por sua vez este ‘outro’ atribui ao sujeito seus conceitos, anulando de tal forma o ato de pensar e criar seus próprios questionamentos. É por este motivo que para Rousseau o Emílio precisamente no livro IV, está atribuído a fase da razão, em que a criança passa para sua fase adulta e leva consigo autonomia diante dos seus pensamentos.

Os tipos de educação apontadas por Rousseau consistem na formação por natureza, aquela da qual o homem já tem dentro de si, uma educação ajustada do artificialismo das convenções sociais, o sujeito deve buscar a espontaneidade original. Assim, o instrutor serviria apenas para instruí-lo sem impedir o indivíduo de seguir seus instintos. Esta seria a formação principal e todos deveriam seguir este tipo de educação.

Outro tipo seria a do homem, onde a criança é criada para os outros como mostra a citação: “Em vez de educar um homem para si mesmo, queremos educa-los para outros? [...] é preciso optar entre fazer um homem ou um cidadão, pois não se podem fazer os dois ao mesmo tempo” (ROUSSEAU, p.10, 1999) mas um indivíduo criado para política, o homem impõe como o sujeito deve agir, pensar, seguindo regras e agindo semelhante aos seus pais, dando continuidade à educação mediada por tradições e regras, salientando aqui que a criança é envolta de cuidados. Por fim, a educação das coisas que só em alguns aspectos precisa do homem como mestre.

Como Rousseau afirmou acima, precisamos sempre de algo ou de alguém. “Tudo que não temos ao nascer e de que precisamos quando grande nos é dado pela educação” (ROUSSEAU, p. 8, 1999). De tal modo, o que nos afirma que a educação é uma ferramenta importante para construção do sujeito, e, é nesta construção diária que o sujeito vai se modificando e criando o seu mundo, perante de suas perspectivas e crenças, portanto o seu meio cultural, familiar e educacional tem suma importância para sua definição como sujeito diante da sociedade.

Os homens não são feitos para serem amontoados em formigueiros, mas para se espalharem pela terra que devem cultivar. Quanto mais se reúnem, mas se corrompem. As doenças do corpo, assim como os vícios da alma são o efeito infalível dessa associação muito numerosa. De todos os animais, o homem é aquele que menos pode viver em rebanho. (ROUSSEAU, p.41, 1999)

Sua filosofia não teria como formar um homem e um cidadão ao mesmo tempo, pois um pode corromper o outro. O homem da natureza é para si mesmo, já o homem civil da sociedade é um pedaço do todo e seu valor está de acordo com um corpo social. A sociedade civil para Rousseau é a responsável pela deformação do ser humano, é nela que estão inseridos os vícios, e estes vícios são a ruína do homem, quando em sociedade.

Sendo assim, fica nítido que Rousseau criticava a sociedade e sua forma de educar, pois para ele, a sociedade tornava o homem fraco e sem liberdade. O homem segue um regime proposto pelo todo. Ele defendia uma formação ‘pura’ longe da sociedade, uma educação natural. Na sua obra *O Emílio ou da Educação*, Rousseau faz uma apresentação das três categorias de educação. É importante ressaltar que para ele quando:

O ser sai das mãos do autor das coisas, Deus, ele se degenera, ou seja, o convívio com a sociedade corrompe o ser humano. Para a criança conservar sua “forma original” deve-se preservá-la desde o instante que vem ao mundo. Contudo, tudo de que precisamos ao longo de nossa

vida é dado pela educação – aí estaria talvez uma enorme esperança. (SOUZA, p.18, 2011)

As três categorias da educação são a que se origina pela natureza, a que vem da ação dos homens e por último a que resulta dos ensinamentos das coisas, como já foi posto acima. Sua filosofia da educação fica clara com a sua obra *Emílio*, pois ele descreve como a educação deve proceder, deixando a liberdade do sujeito a sua necessidade. Ou seja, o sujeito tem habilidade para desenvolver seu raciocínio.

Por fim, para Rousseau, a educação faz parte da formação do humano, e este, deve ser bem educado para não ser corrompido pela sociedade, o que nos aproxima do mesmo pensamento de Platão sobre a educação *na República*, onde o mesmo, deve ser justo para guiar-se por ela, e assim ser um bom governador. Rousseau também apresenta um discurso sobre a igualdade e defende a liberdade do sujeito.

“O cidadão, homem ativo e soberano, capaz de autonomia e liberdade, é ao mesmo tempo um súdito, porque submisso à lei que ele próprio ajudou a erigir. Liberdade e obediência são polos que devem se completar na vida do homem em sociedade” (ARANHA, p.4, 1996).

Sobre sua obra *Contrato Social*, Rousseau relata sobre o poder, a soberania, as leis e as formas do governo, fala da política em geral, trata da liberdade, levando em conta que os homens não devem de modo algum renunciar a sua liberdade, pois “esta liberdade comum é uma consequência da natureza do homem” (ROUSSEAU, p. 11, 1762). *O Contrato Social* procura descrever as necessidades para criação de um pacto legítimo, onde os homens que tiverem perdido sua liberdade natural, ganhem em troca a liberdade civil ou a cidadania. Nesse sentido, Rousseau defende a formação do Estado moderno baseado na vontade do todo, isto é, que parta da igualdade entre a sociedade, sobretudo diante da propriedade privada, que para ele é considerado ilegítima.

Sobre a guerra, Rousseau diz que não é uma relação de homem para homem, mas de estado para estado. “É a relação das coisas, e não dos homens que constitui a guerra, e como o estado, de guerra, não pode nascer de simples relações, pessoais, mas unicamente de relações reais, a guerra privada, ou de um homem contra um homem. (ROUSSEAU, p.18, 1762) As suas teorias políticas são baseadas em ideais iluministas, pois Rousseau não costumava seguir as tradições. Assim,

“*O Contrato Social*, que corresponde a um modelo de educação social e política que versa o desenvolvimento do cidadão, e na obra *Emílio*, que representa o modelo de educação natural e libertária que privilegia

a formação do homem enquanto indivíduo” (TOMÉ, QUADROS e MACHADO, p.7, 2012).

Segundo Campato, Rousseau defende o uso da cidadania quando diz:

Antes de tudo, convém ressaltar que Rousseau concebe a idéia de práxis política, da qual emanaria a vontade universal, assumindo um modelo de sociedade transcendente ao burguês. Na verdade, o autor vislumbra uma ordem social em que seja possível preservar a igualdade e a liberdade vivenciadas no estado de natureza. Com isto, Rousseau não pretende restabelecer a liberdade natural irrestrita, instintivamente alimentada. Sua intenção consiste em implantar uma forma de liberdade convencional que garanta existência plena a todos os indivíduos. (CAMPATO, p.2, 2011)

Já na sua obra *A origem da desigualdade entre os homens*, Rousseau vai abordar sobre a base onde se encontra esta desigualdade entre os homens, dando início a noção de propriedade particular criada pelo homem e o sentimento de insegurança criado em relação aos outros homens. Toda desigualdade para ele é derivada pelo bem particular criado pelo homem. Assim como o conviver em sociedade, pois o homem é bom por natureza, porém a sociedade o corrompe.

Tendo como base os primeiros homens, Rousseau concluiu que a desigualdade parte da noção de propriedade particular, isto é, os primitivos deviam viver em bandos mais ou menos organizados, que se ajudavam entre si suprimindo as suas necessidades e quando saciados se separavam até precisarem novamente do trabalho em grupo. Rousseau analisou que o conceito de propriedade surgiu nesse momento dando ao sujeito a noção de acumulação de bens, e de superioridade. Desse modo, conflitos foram gerados à espreita de poder e outros valores que deram início por assim dizer ao nosso entendimento de sociedade.

Para Rousseau, a desigualdade entre os homens parte da noção de propriedade privada, e numa busca constante de poder.

“[...] Mas a desigualdade se estende sem dificuldade entre as almas ambiciosas e covardes, sempre prontas a correr os riscos da fortuna e a dominar ou servir quase indiferentemente, conforme ela se lhes torne favorável ou contrária.” (ROUSSEAU, p.134, 1754)

Portanto se a desigualdade parte do poder, ou pela busca, em se tratando da educação na visão rousseauiana podemos reafirmar que a educação também é uma ponte para esta busca, pois como vemos na própria educação acontece a desigualdade.

Contudo, ainda sobre a sua educação, observa-se o meio tradicional e ao mesmo tempo livre, pois o que Rousseau pretende é que o homem tenha a liberdade de aprender,

que não seja apenas guiado pelos caminhos já projetados feitos por outro homem, mas que o próprio sujeito tenha a liberdade de instruir a si mesmo. A esse respeito, Aranha afirma que “Rousseau quer que o homem integral seja educado para si mesmo. Viver é o que eu desejo ensinar-lhe. Quando sair das minhas mãos, ele não será magistrado, soldado ou sacerdote, ele será, antes de tudo, um homem” (ARANHA, p. 12, 1996) Por isso, a política e a educação caminham juntas em Rousseau, uma completando a outra.

Após a apresentação da trajetória de Rousseau, vamos retomar aspectos da seção I caminhando sobre o papel da escola na formação do sujeito, tendo como base que para Rousseau prevalecia uma educação natural e que a sociedade corrompe o sujeito que não é educado corretamente.

3 KANT, BOURDIEU e ROUSSEAU E A EDUCAÇÃO.

Essa seção é dedicada a alguns pensadores que aproximam-se do pensamento roussoniano de educação. Inicialmente temos Kant, que pretendia entender como se dá o conhecimento, e levantou várias hipóteses, na sua obra *A Crítica da Razão Pura*. Os argumentos apresentados por ele são considerados ‘puros’, ou seja, nada jamais estudado. A metafísica era sua paixão, e problematizar Deus, a imortalidade e a liberdade eram seus temas preferidos.

Na sua pedagogia Kant aponta que “o homem não pode tornar um verdadeiro homem se não pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz.” (KANT, p. 444, 1996) Esta citação resume bem sua opinião sobre a educação na vida do sujeito, tendo como base sua obra *A resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”?* e *Sobre a pedagogia*. Kant relata neste texto que o “esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado” (KANT, p.63, 2005). Diante desta resposta ao esclarecimento podemos perceber que Kant observava a incapacidade do homem, se comparado a outros animais, de que o homem é dependente de outro até tornar-se capaz de sobreviver, e alguns permanecem nesta dependência até a fase adulta.

A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de ser-se de si mesmo sem direção de outrem. (KANT, p.63, 2005)

A saída da menoridade também era o encontro com a educação, que deve estar voltada para o futuro. Um de seus questionamentos era a falta de liberdade inserida no sujeito, o que nos leva novamente ao pensamento de Rousseau, “nascemos fracos, precisamos de força; nascemos carentes de tudo, precisamos de assistência; nascemos estúpidos precisamos de juízo” (ROUSSEAU, p.8, 1999). Ou seja, temos imensa necessidade do outro, que por sua vez este ‘outro’ atribui ao sujeito seus conceitos, anulando de tal forma o ato de pensar e criar seus próprios questionamentos. Assim, enveredamos aos conceitos de liberdade e educação.

A educação é de extrema importância para formação do sujeito, pelo que Rousseau já afirmou acima, precisamos sempre de algo ou de alguém. “Tudo que não temos ao nascer e de que precisamos quando grande nos é dado pela educação” (ROUSSEAU, p. 8, 1999). Como Kant defende, ela é a passagem para o homem ir de encontro com o mundo, por assim dizer, e, é na construção diária que o sujeito vai se modificando e criando o seu mundo, perante suas perspectivas e crenças, portanto o meio cultural, familiar, educacional tem suma importância para sua definição como sujeito diante da sociedade. Desse modo,

“a educação seria, portanto, não somente uma maneira de entrar no mundo, como Kant defende. É, também, uma maneira de abrigar a novidade para o nascimento, na qual a transmissão da herança das gerações anteriores seja garantida.” (SILVA, p. 4, 2015).

Visto que para o esclarecimento é necessário a liberdade, o sujeito deve libertar-se do que o prende, e para isto seria necessário este desprendimento. Assim, o sábio para Kant seria o homem livre, pois ele pode, e deve passar seus conhecimentos a todos. Do mesmo modo na educação para crianças, defendendo que é preciso dar liberdade à criança. Ainda sobre a saída da menoridade é importante ressaltar que o homem pode adiar seu esclarecimento, porém não renunciá-lo, pois isto seria ferir os direitos humanos.

Mas enquanto sábio, tem completa liberdade, e até mesmo o dever, de dar conhecimento ao público de todas as suas ideias, cuidadosamente examinadas e bem-intencionadas, sobre o que há de errôneo naquele credo, e expor suas propostas no sentido da melhor instituição da essência da religião e da igreja. (KANT, p.67, 2005)

Kant defende uma lei universal, a moral, que para ele está como um ‘dever ser’, ou seja, o comando moral é categórico e o sujeito deve seguir sua razão, mas está deve ser pensada como universal e para o bem em geral. A sua metafísica da moral se divide

em duas partes, à justiça e a virtude. Visto que é dessa lei que o homem exerce a sua autonomia. “O critério para a definição da boa conduta é formal: a moralidade da ação consiste precisamente na sua universalidade segundo a razão.” (KANT, p.52, 1991)

Desse modo, encontra-se aqui o conhecimento *a priori* de sua vontade – onde todos os homens reconhecem tal moralidade como fruto da liberdade e da vida, da segurança e da construção de uma sociedade justa e pacífica, acarretando uma sobrevivência necessária a todos os humanos, quando todos caminham numa mesma direção. Para ele, a razão toma a vontade como uma potência inata para o bem, para que assim evite-se o bem subjetivo e egoísta.

A sociedade impõe sobre o sujeito suas leis, porém, nem sempre levam ao sujeito a ‘felicidade’, e é por este motivo que Kant se opõe ao utilitarismo como doutrina moral. No entanto, o outro meio de obter o esclarecimento seria obtendo a liberdade, pois “se o agente racional é verdadeiramente um fim em si mesmo, ele deve ser autor das leis que observa” (KANT, p.53, 1991).

A ética moderna resultava em Kant, o pensamento de que a sociedade permanecia no estado de minoridade, seria necessário um pouco mais de esclarecimento, e tornar o móbil (razão) como ponto de partida para uma nova sociedade, que visasse o bem comum. Sendo assim, Kant tentará combinar o pluralismo com uma ética da liberdade, pois para cada ser existe um imperativo categórico, que leva o sujeito a respeitar a sua liberdade e a dos outros.

Desse modo, a educação foi o meio que o homem arranhou para guiar outros homens a uma moral comum a todos, e guiar os recém-chegados para este mesmo caminho. É um meio de privar a sociedade da liberdade defendida por Kant. Nesse sentido;

“em sendo a educação a maneira que o homem tem de entrar no mundo, por um lado; e, por outro, uma atividade especial inventada pelo homem para, não apenas inserir os recém-chegados ao mundo, mas também de preservá-los como novidade diante do velho” (SILVA, p. 7, 2015).

O pensamento de Rousseau aproxima-se do pensamento kantiano, pois ambos defendem uma criação ligada ao crescimento individual, porém para um, o tutor é o responsável pela moral do sujeito, e para o outro, o tutor deve apenas ajudar, mas o sujeito de minoridade deve guiar-se sozinho para maioridade, e buscar na sua liberdade o esclarecimento e ir de encontro com o conhecimento e seu dever diante da sociedade.

A função do preceptor na pedagogia de Rousseau é direcionar o Emílio a seguir as leis, e assim obter a liberdade, pois uma depende da outra, o preceptor ensinará a Emílio de acordo com seus próprios erros.

Já na sociologia alguns pensadores vão defender seus pontos de vista sobre a educação, como o filósofo e sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002), que trouxe grande contribuição para a sociologia da educação. Nascido na França, atuou em várias universidades. Bourdieu tentou ver a ordem social de uma forma diferente, forma essa que escaparia tanto do subjetivismo como do objetivismo. Para fazer esse distanciamento, Bourdieu elabora o conceito de *habitus*, onde o indivíduo tende a agir na realidade social conforme características que já estavam incorporadas à sua herança cultural. Bourdieu apresenta a concepção do sistema simbólico, ou seja, a caracterização dos interesses de um grupo social que tem a finalidade de impor a sua ideologia e criar uma distinção social. Com o indivíduo recebendo sempre informações de um determinado grupo social de que seus ‘símbolos’ são mais valiosos e melhores, se cria um acúmulo de capital, este que pode ser econômico, social, simbólico e cultural. Da criação do conceito de capital cultural que Bourdieu faz, cria-se uma crítica a educação.

O sistema educacional carregado de seus valores simbólicos tenta passar isso de forma “neutra” aos seus alunos. A realidade transmitida na escola é vista de forma diferente de qual grupo social aquele aluno está inserido. Tendo em vista esses conceitos de Bourdieu, podemos enxergar a educação de uma forma mais ampla, onde as instituições educacionais e suas práticas pedagógicas têm um importante papel na construção do indivíduo.

Desse modo, a educação é a ponte para este caminho, porém, não é só a escola que molda o sujeito, mas a família também. Bourdieu traz uma discussão sobre as questões da herança cultural familiar, e que para ele, cada indivíduo é caracterizado de uma bagagem social herdada, ou seja, a família diz muito sobre cada indivíduo, “[...] o patrimônio transmitido pela família inclui também certos componentes que passam a fazer parte da própria subjetividade do indivíduo, sobretudo, o capital cultural em seu estado “incorporado” (MARIA, CLÁUDIO, p.60, 2006). Cada indivíduo carrega uma bagagem cultural, esta herança influencia na sua vida. Vale salientar também sobre outra herança familiar presente até hoje, que é a forte dominação masculina e a causa das reivindicações da maioria dos movimentos feministas. Sobre esta dominação Bourdieu diz que

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais. (BOURDIEU, p. 18, 2012)

Com Bourdieu veio uma nova visão e uma crítica a educação, e uma delas retrata a questão da “dominação masculina” principalmente diante da visão simbólica. Para ele a dominação masculina seria uma forma particular de violência simbólica.

A subjetividade de gênero, corporificada, ou seja, estruturada internamente e expressa em posturas masculinas ou femininas (experiência individual), é continuamente realimentada e reforçada pela objetividade da realidade social, ou seja, por uma organização social baseada em divisões de gênero (experiência histórica). Os *habitus* de gênero são, assim, fruto da educação informal de um trabalho pedagógico psicossomático de nomeação, inculcação e incorporação que se inicia no processo de socialização infantil e continua através de variadas e constantes estratégias educativas de diferenciação, no mais das vezes implícitas nas práticas de vários agentes e instituições como a família, a igreja, a escola e os meios de comunicação. (CARVALHO, N.1, p.1)

Desconstruir definições de gêneros de uma classe machista não é uma tarefa fácil. Para Scavone (2008, p. 180) gênero é:

“é “uma categoria de análise histórica, cultural e política, e expressa relações de poder, o que possibilita utilizá-la em termos de diferentes sistemas de gênero e na relação desses com outras categorias, como raça, classe ou etnia, e, também, levar em conta a possibilidade da mudança”. (SCAVONE, p.180, 2008)

Contudo, trabalhar com esta análise histórica na educação é favorecer o entendimento das relações diversas de gênero.

“É através do adestramento dos corpos que se impõem as disposições mais fundamentais, as que tornam ao mesmo tempo *inclinados e aptos* a entrar nos jogos sociais mais favoráveis ao desenvolvimento da virilidade: a política, os negócios, a ciência etc. (A educação primária estimula desigualmente meninos e meninas a se engajarem nesses jogos e favorece mais nos meninos as diferentes formas da *libido dominandi*, que pode encontrar expressões sublimadas nas formas mais "puras" da libido social, como a *libido sciendi*”. (BOURDIEU, p. 71, 2012)

Para Bourdieu as escolas eram as grandes defensoras de uma cultura universal e racional. O capital cultural, constitui o elemento da herança familiar que teria maior impacto na definição do destino escolar. Além de favorecer o desempenho escolar na medida em que facilitaria a aprendizagem dos conteúdos e códigos, Bourdieu percebeu que a educação não era passada de forma igualitária, foi o que ele chamou de capital cultural. O ensino que era para ser igual a todos se difere por classe social. Um exemplo dessa dominação cultural nas escolas, são as escolhas das matérias mais importantes no currículo escolar, como Física, Matemática, História, passa a ser mais valorizada que outras disciplinas, o que favorece a dominação de uma classe sobre a outra. Bourdieu acreditava que existia uma saída para toda essa violência simbólica, exercida inconscientemente pela escola, sua saída era expor todo esse funcionamento escolar, e foi o que ele fez.

O pensamento de Bourdieu se aproxima de Rousseau por ambos acreditarem que a educação começa na família e que carregamos uma herança familiar, em Rousseau a própria família, como herança cultural poderia acabar com a educação propriamente dita por Rousseau, no Emílio. Afirmando assim que a sociedade pode corromper o sujeito que não se encontra apto para conviver em sociedade. Porém há um distanciamento na visão da dominação masculina, que em Rousseau permanecia, já em Bourdieu a educação previa o fim.

Em seguida falaremos sobre o papel das escolas na vida do sujeito, sabendo que ela faz parte da formação do homem.

4 PARA QUE SERVEM AS ESCOLAS?

A educação familiar é a primeira educação que recebemos, como afirma Cambi (1999, p.80), “a família é o primeiro regulador da identidade física, psicológica e cultural do indivíduo” como vimos acima, é dela que provém a maior parte da nossa formação. Sendo assim, já enveredando pelo questionamento que também intitula o artigo de Michael Young, *Para que servem as escolas?* podemos observar que a educação escolar é pautada de acordo com um bem comum chamado governo, ou seja, a educação escolar foi criada para moldar o indivíduo aos interesses do Estado. Assim, as escolas direcionam a educação para mão de obra qualificada, e assim produzir o ‘bem’ econômico da cidade, que é o desejo do Estado.

Como vimos anteriormente no capítulo 1, para Rodrigues (2001, p.35) “cada geração transmite à seguinte, através da educação, os elementos fundamentais para manutenção da estabilidade das coletividades humanas”. No artigo, *para que servem as escolas?* Young envereda pelos caminhos que levaram a ideia de escola, e diz que:

As famílias, como tal, têm um papel único, que é o de reproduzir sociedades humanas e fornecer condições que possibilitem suas inovações e mudanças. Quanto às escolas, sem elas, cada geração teria que começar do zero ou, como as sociedades que existiram antes das escolas, permanecer praticamente inalterada durante séculos (YOUNG, p.1288, 2007)

Ou seja, a escola tem um papel de grande importância na nossa construção em sociedade, pois dela derivam vários conhecimentos e tradições que perpassam por gerações. Dessa forma, a educação escolar não era igualitária, e quando um estudante da classe média chegava a universidade era apontado como privilegiado, pois educação da classe baixa e média era apenas tecnicista, visando apenas a sua mão de obra, como já foi dito acima.

A cada ano a educação vem se modificando e vai seguindo o desenvolvimento tecnológico e social, e o Estado a cada ano vem moldando de forma pessoal a educação, levando em conta a mão de obra qualificada, é a tal violência econômica. Nossa sociedade é educada visando a competitividade, embora tenha se passado anos, o neoliberalismo permanece na nossa concepção de educação, basta observar o currículo escolar. “Os neoliberais argumentavam que a economia deveria ser deixada para o mercado e que os governos deveriam desistir de tentar ter políticas econômicas ou industriais.” (YOUNG, p. 1290, 2007)

A educação ainda sofre com a desvalorização e esvaziamento, com formação massificada, ou seja, ele aqui não é posto para pensar mais sim para trabalhar. É certo que o trabalho pode tornar o homem melhor, mas pensar também. Assim, esta política curricular não é favorecida no nosso âmbito escolar para o desenvolvimento, mas para o adestramento humano.

Young, no artigo citado, diz que o partido trabalhista defende “[...] que o mercado oferecia a melhor solução para a melhoria dos setores público e privado – e da educação em particular” (2007, p. 1290), ou seja, a educação encontra-se voltada para o mercado. Young também relata que os assuntos passados nas escolas não são absorvidos pelos alunos, isto porque encontra-se voltado para outro fim, o da mão-de-obra. Assim,

podemos concluir que a falta de incentivo no currículo escolar faz com que nossos jovens desistam dos estudos e as escolas sofrem com a evasão do alunado. Assim, “Com as escolas sendo controladas por metas, tarefas e tabelas comparativas de desempenho, não é de se espantar que os alunos fiquem entediados e os professores sintam-se desgastados e apáticos (YOUNG, p.1291, 2007)

A esse respeito e corroborando com a ideia de que as escolas em geral estão com uma dificuldade gigantesca com a permanência dos alunos na escola, uma discussão mais abrangente aponta que,

À reprovação e à evasão indicam que são necessárias dinâmicas de gestão e organização dos sistemas de ensino e instituições educativas, bem como políticas e ações direcionadas à permanência com qualidade dos estudantes na escola, de modo a lhes garantir processos de aprendizagem significativa.” (FÓRUM NACIONAL DA EDUCAÇÃO, 2013, p. 41)

Para que esta evasão seja controlada, se faz necessário um novo método, um novo olhar sobre a educação que passou por várias mudanças, o que a fez melhorar e olhar os jovens como indivíduos capazes de expor opiniões. Embora a massa ainda viva em um modelo escolar voltado para a mão de obra, o que as escolas precisam é da sua emancipação, como Young também aponta em seu referido artigo, a escola deve ser um ambiente que traga felicidade para o alunado.

Portanto, segundo o pensamento de Young “para que servem as escolas?” é que elas capacitam ou podem capacitar jovens a adquirir o conhecimento que, para a maioria deles, não pode ser adquirido em casa ou em sua comunidade, e para os adultos, em seus locais de trabalho (2007). Isto reflete a base da nossa primeira educação, a familiar como foi posta anteriormente. Desse modo, a escola é um meio de direcionar o sujeito a um bem comum, modificando-o e conseqüentemente alterando o meio em que ele vive.

Assim a escola tem o papel de moldar o indivíduo e hoje em dia podemos colocar que a escola forma também um ser pensante, mesmo tendo a filosofia como uma disciplina não valorizada. A esse respeito,

Pode-se dizer que a filosofia da educação surgiu do forte vínculo entre a filosofia e a pedagogia estabelecido no decorrer dos anos, pois a filosofia, preocupada com as formas do conhecimento perfeito, orientou o homem segundo a razão, inferindo um pensamento pedagógico que busca a perfeição. (PICCOLO, TREVISAN, CONTE, p.93, 2004)

Contudo, devemos levar em conta que a escola tem dificuldades em passar este conhecimento, e que não são todos os alunos que vão obter sucesso como o texto aponta. O sucesso de cada um vai depender da sua cultura familiar e do seu esforço. A filosofia encontra-se como uma facilitadora para formar um ser pensante, que observe o valor da formação educacional, independente da formação escolar. Já para Rousseau a escola por sua vez não seria positiva, visto que o contato com outras pessoas poderia afetar o desenvolvimento do *sujeito*.

5 A EDUCAÇÃO ATUAL

Considerando que a educação atual, é muito diferente da educação defendida e conhecida por Rousseau, analisaremos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) que traz pontos que devem ser seguidos por todas as escolas como afirma o seu “art.1º toda educação deve vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social” (LDB, 2017). Sabe-se que a pedagogia escolar passou por várias mudanças, e devido a reivindicações, de vários professores, diretores, conseguiu-se melhorias na vida dos estudantes, principalmente das escolas públicas. Reivindicações como transporte para alunos de áreas rurais, merenda escolar, acréscimo no currículo escolar das disciplinas de música, filosofia e sociologia, debate e formação para professores entre outros.

A luta por essas mudanças demonstra que o homem no decorrer da história foi conseguindo, mesmo que a passos lentos, conquistar um percentual pequeno da sua liberdade, e fez o uso dessa pequena porcentagem para lutar pela melhoria no que se entende por educação.

Em 2017 foi anunciado a mudança no currículo escolar, o que gerou inicialmente muitos comentários questionando se seria positivo ou não. A mudança parte da criação de escolas em tempo integral e tendo como disciplinas obrigatórias apenas, Matemática e Português, as demais seriam eletivas ou transversais. Esta mudança traz pontos positivos e negativos. A LDB estabelece em seu

Art. 35-A. A Base Nacional Comum Curricular definirá direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento:

- I – linguagens e suas tecnologias;
- II – matemática e suas tecnologias;
- III – ciências da natureza e suas tecnologias;

IV – ciências humanas e sociais aplicadas.

§ 1º A parte diversificada dos currículos de que trata o *caput* do art. 26, definida em cada sistema de ensino, deverá estar harmonizada à Base Nacional Comum Curricular e ser articulada a partir do contexto histórico, econômico, social, ambiental e cultural.

§ 2º A Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia.

§ 3º O ensino da língua portuguesa e da matemática será obrigatório nos três anos do ensino médio, assegurada às comunidades indígenas, também, a utilização das respectivas línguas maternas.

Essas mudanças trazem pontos positivos e negativos, podendo-se observar que para escolas públicas o ensino integral seria bastante positivo se tivesse espaço para todos os alunos, porém a falta de escolas qualificadas, é bem menor que a quantidade de alunos, o que já dificulta o ensino de qualidade para grande massa. Desse modo, voltamos ao pensamento de Bourdieu, para quem as escolas tendem a favorecer a elite, isto é, a classe-alta.

Sem infraestrutura é impossível oferecer um bom ensino. No mais, o currículo escolar pode trazer positivamente para o alunado do ensino médio, uma boa perspectiva na diminuição da evasão escolar, pois o aluno partirá apenas para o que tem afeto, ou seja, aquela disciplina, que o deixava a achar que ‘não era capaz’, será retirada e ele possivelmente ganhe mais vontade de estudar. Contudo, o ensino tecnicista ainda em vigor, nos faz refletir sobre os rumos da educação. Que o governo está diretamente ou indiretamente ligado a educação e a formação econômica do país não é mais segredo, a base como estudo integral é favorecer a mão-de-obra. É por este motivo que Sociologia e Filosofia estão como optativas, inibindo parte significativa dos alunos terem acesso a saberes especializados na reflexão sobre os casos atuais.

Art. 36. O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino, a saber:

- I – línguas e suas tecnologias;
- II – matemática e suas tecnologias;
- III – ciências da natureza e suas tecnologias;
- IV – ciências humanas e sociais aplicadas;
- V – formação técnica e profissional. [...]

§ 6º A critério dos sistemas de ensino, a oferta de formação com ênfase técnica e profissional considerará:

I – a inclusão de vivências práticas de trabalho no setor produtivo ou em ambientes de simulação, estabelecendo parcerias e fazendo uso, quando aplicável, de instrumentos estabelecidos pela legislação sobre aprendizagem profissional;

II – a possibilidade de concessão de certificados intermediários de qualificação para o trabalho, quando a formação for estruturada e organizada em etapas com terminalidade.

Desse modo, mostra que a modernidade trouxe consigo uma maneira mais formal do ensino técnico, para formar mão-de-obra qualificada. Por fim, a educação atual encontra-se em mudanças, e o questionamento que fica é se a autonomia na educação irá prevalecer ou não.

O que nos remete a noção de liberdade defendida por Kant na sua saída da menoridade e Rousseau de que toda educação vem naturalmente. A educação em sociedade, isto é escolar, favorece vários aprendizados, entre eles o principal, que é saber conviver em sociedade, e o aprendizado individual pode proporcionar um acúmulo de solidão por assim dizer.

A educação atual parte da necessidade do digital, e os nossos alunos vivem essa nova era, inclusive com o professor, que também passou a ser digital em alguns casos. Sobre a educação atual, não se pode deixar passar, a violência que os professores vêm sofrendo, em vários casos, na própria sala de aula. O desrespeito tomou conta da sociedade escolar. Antes o professor era o conhecedor da matéria, mas atualmente com a velocidade da era digital, o professor passa a ser o próprio aluno principalmente no caso da rede particular de ensino, onde quem manda são os pais e o próprio aluno. Para caminharmos um pouco mais sobre este assunto partiremos para a próxima seção, Rousseau e a educação atual.

Quando se trata de educação abre-se um leque sobre as variadas formas de se educar, a caminhada da pedagogia brasileira é extensa, enquanto outros países saíam em disparada a favor de uma educação, e apostando que educar é o melhor caminho para um país, o Brasil foi devagarinho neste requisito, o famoso ‘jeitinho brasileiro’ foi tomando conta, e que era primordial para seu crescimento, foi dado a minoria, e não foi visto da melhor forma. Pode-se fazer uma analogia à música *Que País é esse?* da banda Legião Urbana. Que país é esse, que não fez proliferar o real sentido da educação, dando assim espaço e continuidade as mais grosseiras formas de sociedade, em especial a proliferação

do preconceito diante da raça, pois o Brasil foi um dos últimos países a acabar com a escravatura. Vejamos:

O Brasil ocupa o 53º lugar em educação, entre 65 países avaliados (PISA). Mesmo com o programa social que incentivou a matrícula de 98% de crianças entre 6 e 12 anos, 731 mil crianças ainda estão fora da escola (IBGE). O analfabetismo funcional de pessoas entre 15 e 64 anos foi registrado em 28% no ano de 2009 (IBOPE); 34% dos alunos que chegam ao 5º ano de escolarização ainda não conseguem ler (Todos pela Educação); 20% dos jovens que concluem o ensino fundamental, e que moram nas grandes cidades, não dominam o uso da leitura e da escrita (Todos pela Educação). Professores recebem menos que o piso salarial (BURINI, 2018).

Segundo Schwartzman, quando o império foi substituído pelo sistema republicano, em São Paulo a sociedade começou a exigir uma entrada no estado moderno, e com ele veio pela primeira vez um novo conceito de educação pública.

Na década de 1890, como parte de um notável esforço de modernização do estado, unidades de ensino dispersas foram reunidas em “grupos escolares” construídos segundo os projetos arquitetônicos mais avançados da época. Os alunos eram organizados conforme a idade e proficiência e organizou-se, pela primeira vez, um programa sequencial de estudos, dividido em séries anuais (Souza 1998). Foram criadas novas escolas normais, que passaram por transformações no sentido de introduzir melhores métodos de ensino e um conteúdo moderno (Nagle 1974, Tanuri 1979). Depois, surgiram tentativas de reformas semelhantes na Bahia, em Minas Gerais e no Distrito Federal. (SCHWARTZMAN, p.13, 2005)

Foi apenas na década de 1930, no governo de Getúlio Vargas (1882-1954) que um novo modelo de educação surgiu, surgindo também o Ministério da Educação. Trazendo algumas modificações no ato de educar, e entre idas e vindas, a educação foi sobrevivendo a modificações, e uma delas, foi a retirada das disciplinas que ofereciam ao indivíduo liberdade para refletir diante das ações que aconteciam ao seu redor. Disciplinas estas que foram retiradas do currículo escolar na época da ditadura militar de 1964. Como já foi exposto acima, diante de muita luta estas disciplinas puderam voltar ao currículo, mas infelizmente com uma carga horária bem menor.

Art. 1º Os componentes curriculares Filosofia e Sociologia são obrigatórios ao longo de todos os anos do Ensino Médio, qualquer que seja a denominação e a organização do currículo, estruturado este por

sequência de séries ou não, composto por disciplinas ou por outras formas flexíveis (LDB, 2017).

Ainda sobre a música, Renato Russo (1960-1996) dispara uma verdade que abrange a nossa educação, que mesmo diante de toda sujeira embalada nas rédeas do poder, todos “acreditam no futuro da nação”. Talvez seja a educação o alicerce para tal proeza, porém, segundo Newton Duarte, não é bem assim. Um problema social como por exemplo o racismo, não se tira com debates em sala de aula, pelo contrário, isto não deveria acontecer, por isso ele faz uma crítica a este modelo de educação que visa uma melhoria da sociedade diante de uma visão idealista de educação, quando diz:

Os problemas sociais são resultados de mentalidades errôneas, acarretando a crença de que a difusão pela educação de novas ideias entre os indivíduos, especialmente os das novas gerações, levaria à superação daqueles problemas. Por exemplo, a violência crescente na contemporaneidade poderia ser combatida por uma educação para a paz. DUARTE, p.35, 2010)

Para ele, a sociedade erra ao pensar dessa forma, é o que nos aproxima novamente do pensamento roussoniano, neste caso a educação correta do indivíduo não levaria a escola a criar ações ou aulas que debatam tais problemas, pois numa sociedade bem-educada supostamente isto não existiria. Contudo, a nossa escola atual tende a priorizar esse tipo de ensino, porque existe uma esperança de formar jovens melhores. Duarte ainda diz que:

As classes dominantes precisam manter parte da população presa à ideia de que não existe outro caminho para a humanidade a não ser o da total adaptação às regras impostas pelo mercado mundializado. [...]
Os resultados dessas “campanhas educativas” não passam, é claro, de paliativos momentâneos, mas que possuem uma importante função objetiva de evitar que determinados problemas tomem proporções sociais incontroláveis e também uma não menos importante função ideológica de difusão da crença de que as condições de vida da população estão melhorando. Mas para que esse tipo de conhecimento possa ser difundido, é necessário que essa grande parcela da população mundial saia da condição de absoluto analfabetismo e tome-se capaz de assimilar informações imediatamente aplicáveis sem a necessidade de grandes alterações no cotidiano dos indivíduos. Daí a insistência na necessidade de eliminação do analfabetismo (DUARTE, p.26, 2001)

Com o avanço da modernidade a educação passou a ser vista ainda mais, como qualificadora de mão de obra, e como mentora para formação de indivíduos, sobretudo

diante da modificação do responsável pelas contas em casa, isto é, antes apenas o homem trabalhava, a educação dos filhos cabia especialmente as mulheres. Hoje, com a modernidade, ambos trabalham e os pais esperam que a escola eduque seus filhos. Contudo, não é função da escola, mas este peso caiu sobre a educação, e a família que era a principal educadora, a primeira, para Rousseau e Bourdieu já não é mais.

Esse peso sobre a educação de certo modo, não ajudou muito, pois possibilitou um déficit na sociedade. Na ética o valor moral cabe a família, e se ela não oferece, a escola também não, e assim um indivíduo sem ética é formado. Mas isto é um debate muito grande.

Visto que existem muitas queixas diante do nosso Brasil, o que nos traz a essa seção é analisar como anda nossa pedagogia atual e sua aproximação com Rousseau, podemos perceber que a velocidade no termo da aprendizagem, não seria positiva ao aluno, pois ele passaria algumas fases, pela facilidade ao acesso a certos conteúdos, que são extremamente livres, dando ao indivíduo total liberdade de aprender o que deseja. Com relação a sociedade, podemos pensar que o jovem autônomo viveria no mundo cibernético e o contato com a sociedade também seria tardio.

Em Rousseau a educação estava voltada para uma educação ligada ao prazer de cada indivíduo, onde prevaleça a liberdade, isto é, cada um deve aprender o que tem vontade e não ser guiado por outros caminhos como ele aponta na citação acima no capítulo 2. O que acontece atualmente é que devido as desigualdades, o homem tende muitas vezes em buscar aquilo que terá um retorno financeiro e não prazeroso. A educação atual encontra-se muito distante da pretendida por Rousseau.

Como já foi posto acima, na primeira seção, o modo educacional de Rousseau causou grande susto na sociedade, que estava acostumada com o tradicional, principalmente diante da educação infantil, que ele afirmou não ser uma educação que levamos para vida toda, que existem modificações, e a cada fase algo novo é aprendido e características únicas são criadas. O século das luzes trouxe literalmente luz ao modelo pedagógico tradicional da época.

Compreendendo melhor o conceito educacional de Rousseau e fazendo ponte com o modelo educacional atual, podemos observar que existe uma aproximação entre ambos, seja pelo livre acesso a vários conteúdos, isso pelas tecnologias e suas facilidades, que dá sentido a autonomia do sujeito em aprender, ou seja pela oportunidade de se expressar. A educação para Rousseau parte do natural, buscando a espontaneidade, e livrando-se do

ensino formal. Atualmente a educação não apresenta total autonomia no termo aprender, ainda pesa sobre o professor qual conteúdo passar para o alunado, dando assim sentido ao termo ‘escravidão’ apresentada por Rousseau.

Em se tratando do professor, seu papel aqui, seria bem mais humanizado, ele entenderia que a criança é seu próprio professor, guiado pela natureza, e ele é apenas um instrutor da sua caminhada de aprendizagem. Na visão russeauniana a criança deve aprender pensar. Todavia o papel do professor é complicado, pois ele deve ensinar o certo de modo pratico e muitas vezes duro.

O professor no nosso modelo educacional, não é apenas um instrutor, mas sim aquele que leva o conhecimento ao aluno, nossa educação parte de uma educação regrada a rótulos, onde o ensino já é definido, não existindo liberdade, mas sim regras. Mas poderia acrescentar sim, que o sujeito modifica o seu meio, e sempre mesmo em meio a rótulos, atualmente existe a liberdade tecnológica que o motiva a buscar outros ensinios.

Já autonomia defendida por Kant e Rousseau não é vista facilmente nos dias atuais, talvez porque nos tornamos um pouco dependentes de uma educação já direcionada, moldada. O papel da escola é ensinar o que já vem planejado e definido. Com a velocidade da mídia e das redes sociais é difícil hoje em dia não envolver jovens com variados assuntos, como já foi apontado, o que causaria para Rousseau uma corrupção na formação natural. Por fim, reafirmando o que já foi dito, cada geração rege a sua educação.

CONCLUSÃO

Como vimos no decorrer desta monografia, a educação é fundamental na formação do sujeito, seja ela individual ou coletiva. Rousseau, que foi a base maior para o desenvolvimento deste estudo aponta seu modelo educacional, deixando como legado *Emílio ou da educação*, obra esta que repercutiu muitos comentários na época, Rousseau como um grande pesquisador, analisou que o problema da sociedade se encontra na questão do poder, e esta busca faz a educação ir para outros rumos, isto é faz dela ponte para alcançar o ‘poder’ desejado, na maioria dos casos, com mão-de-obra qualificada. A grande massa trabalha para dar crescimento econômico ao seu Estado.

Assim, este trabalho pode concluir que a educação esta ligada a um bem comum, e encontra-se por assim dizer distante do propósito educacional proposto por Rousseau, que defende uma educação autônoma, ligada ao prazer e ao bem da sociedade. O que vimos na nossa atualidade, é uma educação desigual, focada na qualificação da grande massa, priorizando a elite, e causando cada vez mais evasão de alunos em sala de aula. A escola passou a ser um ‘passatempo’, para uma maioria apenas um meio de garantir o bolsa-família.

O que significa que no decorrer da história e principalmente com o avanço da tecnologia, outros valores foram impostos, e para viver ‘bem’ o trabalho muitas vezes não é o desejável. Dessa forma, observamos que o Estado ao promover educação para mão-de-obra qualificada, tira da maioria das pessoas outras possibilidades de inserção social, e afeta o crescimento natural do sujeito, isto com base no pensamento russeuniano.

Ainda sobre a aproximação do conceito educação em Rousseau e a atualidade, foi possível observar o seu distanciamento, a começar pelo o Emílio, que mesmo na época seria muito difícil educar um sujeito daquela maneira e na atualidade torna-se muito mais difícil. A convivência em sociedade é primordial para um bom desenvolvimento, porém ele tinha razão quando afirmava que a sociedade corrompe o homem, e a educação no sentido propriamente dito, daria ao homem a possibilidade de não se corromper. Vale salientar que na atualidade o conviver em sociedade é ainda mais rápido devido a velocidade das redes sociais, o que significa dizer que a possibilidade de se corromper é ainda maior.

Mesmo com o passar dos séculos o que permanece, é a luta por uma educação que prevaleça a liberdade do pensamento. E que o foco educacional não seja apenas o econômico, prevalecendo assim os interesses do Estado.

Diante das contribuições da educação no desenvolvimento humano, concluímos que são muitas, pois o sujeito necessita da educação para assim conviver bem em sociedade, e foi pela educação que a humanidade chegou nesta ética de boa convivência, como foi posto na página 14. Contudo, há muito o que melhorar, e só será possível pela educação.

Ainda para reforçar o pensamento de Rousseau foi posto os pensadores Kant e Bourdieu, para assim afirmar e concluir que a educação principal vem da família e se faz necessário para toda educação a liberdade, fazendo assim que o conhecimento prevaleça de forma natural no indivíduo.

A sociedade com sua mera liberdade, tentará sempre lutar pela igualdade no ensino e ter como obrigatórias, disciplinas que motivem a reflexão. Embora que o Estado não queira formar sujeitos pensantes, temos a liberdade a favorecer a luta por esses direitos, para que assim a corrupção possa ser aniquilada do nosso país, e isso se dá pela reflexão na sala de aula.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda, **Século das Luzes: o ideal liberal de educação**. História da Educação. São Paulo: Moderna, 1996, pp. 119-130.

ANDRADE, Regis de Castro. *Kant – a Liberdade, o Indivíduo e a República*. In: WEFFORT, Franciso (Org). *Os Clássicos da Política*. São Paulo: Atica, 1991.

BRUINI, Eliane da Costa. "Educação no Brasil"; *Brasil Escola*. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/educacao/educacao-no-brasil.htm>>. Acesso em 18 de marco de 2018.

BOURDIEU, Pierre (1999). **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. Ed. 11ª, 2012.

_____. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI. Afrânio (orgs). **Escritos de educação**. Petrópolis, Vozes, 1998.

CAMBI, Franco. História da Pedagogia. Capítulo III. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo, ed. UNESP, 1999.

CAMPATO, Roger Fernandes. Rousseau, nosso Contemporâneo. Disponível na internet: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/seculo/roger.pdf

CARVALHO, Maria. **Pierre Bourdieu sobre Gênero e Educação**. Revista Ártemis N.1, João Pessoa-PB

DUARTE, Newton. **O Debate contemporâneo das teorias pedagógicas**; MARTINS, LM., and DUARTE, N., orgs. *Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 191 p. ISBN 978-85-7983-103-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

EDUCAÇÃO BRASILEIRA: INDICADORES E DESAFIOS DOCUMENTO DE CONSULTA. Fórum nacional da educação

KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: que é o “esclarecimento”?* (*Aufklärung*). Tradução, FERNANDES, Floriano Sousa. **Textos seletos**. 3º edição, Petrópolis, Ed. Vozes, 2005

_____. **Sobre a Pedagogia**. Ed. 2ª trad. Francisco C. Fontanella, ed. Unimep 1996.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, BRASÍLIA 2017. Senado Federal.

NOGUEIRA, Maria A./ NOGUEIRA, Claudio M. Bourdieu & a Educação. 2ª Ed. Autêntica, 2006.

PICCOLO, TREVISAN, CONTE, Cátia, Amarildo, Elaine. **Filosofia da educação a partir do diálogo contemporâneo entre analíticos e continentais**. Trevisan et al. Pp. 92-107, 2004.

RODRIGUES, Alberto T. **SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO**. Ed. Lamparina, 2009, 11º edição. Rio de Janeiro.

ROUSSEAU. Jean-Jacques. *Emílio ou da Educação*. ed. 1º, São Paulo, ed. Martins Fontes.1999

_____. **O Contrato Social**. Disponível em
< <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/contratosocial.pdf> >

_____. **A origem da desigualdade entre os homens**. Disponível em
em
< <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/desigualdade.pdf> >

SCHWARTZMAN, Simon. **Os desafios da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005

SILVA, Victor Leandro / SENA, Daniel R. de Carvalho. *Kant e Adorno: educação e autonomia*. ISSN 1984-3879, SABERES, Natal – RN, v. 1, n. 11, Fev. 2015, 170-182

SOUZA, Magda Alessandra de. *As “três fontes” da Educação na Perspectiva de Rousseau e Dewey*. TCC, Londrina 2011.

SCAVONE, Lucila. Estudos de Gênero: uma sociologia feminista? **Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC, 2008, v. 16, n.1/2008.

TOMÉ, Dyeinne Cristina/ QUADROS, Raquel dos Santos/ MACHADO, Maria Cristina Gomes. **Algumas considerações sobre a concepção de educação em Rousseau**, 2012.

YOUNG, Michael. **Para que servem as escolas?** *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>